

A retórica de uma metáfora como representações de realidades

Marli Wandermurem

Dra. em Ciências da Religião. Profa. da Faculdade Batista Brasileira. Coordenadora do Centro de Extensão, Pós-Graduação, Pesquisa (CEPPES). E-mail: marliw@fbb.br

Resumo

Analisa a poesia profética bíblica e sua denúncia através de metáforas à relação do povo de Israel com seu Deus. Escolhemos a poesia de Naum [Século VIII a.C.], que versa sobre o julgamento de Nínive. O profeta apela para as imagens sexuais para articular sua fala do castigo de YHWH sobre o império Assírio. Enquanto obra literária, a poesia é bela e bem composta. Para degustá-la é preciso entender a influência da Assíria sobre a sociedade israelita e a interferência na sua cultura. A poesia se utiliza da imagem feminina “provocativa” para personificar a cidade que considera politicamente má e perversa. A “prostituta” tipifica o comportamento social e político de Nínive, e a relação onde os princípios de poder, da propriedade, da posse e da pureza estão em perigo. Que melhor estratégia para legitimar o justo castigo de YHWH?

Palavras-chave: Poesia. Profecia. Mulher. Prostituta.

The rhetoric of a metaphor as representations of realities

Abstract

Analyzes the poetry prophetic biblical and its complaint on metaphors to respect the people of Israel with his God. We chose the poetry of Nahum [VIII century a.C], which deals with the trial of Nineveh. The prophet calls for the sexual images to articulate its speaks of the punishment of YHWH on the Assyrian empire. While literary work, the poetry is beautiful and well composed. For tasting it is necessary to understand the influence of Assyria on israeli society and the interference in their culture. The poetry that uses the image of the woman "provocative" to personify the city that is considered politically incorrect and perverse. The "harlot" typifies the social behavior and political of Nineveh, and the relationship where the principles of power, of ownership, possession and purity are in danger. What better strategy to legitimise the just punishment of YHWH?

Keywords: Poetry. Prophecy. Woman. Whore.

INTRODUÇÃO

Os profetas utilizaram as imagens sexuais [matrimônios], de diversas maneiras, para comentar as condutas sociais, políticas e econômicas de Israel. Eles não foram os primeiros a

feminilizar cidades. Essa tradição, em descrever as cidades como femininas, procede do amplo mundo mitológico do Antigo Oriente Próximo. Era costume literário utilizado tal recurso para apresentar as cidades, especialmente as capitais. Tanto como as mulheres, as cidades não só são débeis e vulneráveis diante das incursões, mas também, abrigam a população dentro de suas muralhas, alimenta-a, cuida-a e a defende.

Dentro deste modo de pensar, também havia a consciência de que as cidades, capitais dos impérios ou das monarquias, estavam, por alguma razão extraordinária, vinculadas a um Deus e protegidas por ele. Tal divindade passava a ser o senhor da cidade. Portanto, o povo do Oriente herdou tal maneira de pensar sobre cidades e mulheres e a utilizaram para extrair paralelos entre as nações de Deus diante da idolatria de Israel e as reações do marido diante do adultério de sua esposa.

Encontra-se uma diferença na construção literária do Antigo Oriente Próximo e a literatura do antigo Israel. No primeiro caso, falava-se sempre positivamente da capital, e no segundo, a capital podia ser descrita positivamente [ex.: a Amada, Sión] ou negativamente [prostituta]. A descrição dependia do que os profetas queriam metaforizar, vilipendiar ou despertar simpatia.

Naum faz uso deste recurso literário para falar do julgamento de Nínive. Trata-se da capital de uma nação estrangeira. Utiliza, para tal situação, a imagem da “prostituta”, da “feiticeira”. O que equivale a uma conduta sexual inadequada. O texto é belo. O poeta consegue descrever a destruição de Nínive criando frases substantivadas e elabora uma poesia com frases totalmente nominais. Vejamos o texto:

O TEXTO

¹Ai da cidade sanguinária,
cheia de fraudes
e de enganos,
rapinas sem fim!

²Estalido de chicote!
Estrépido das rodas!
Cavalos a patejar!
Rangidos de carros!

³Ginetes que empinam!
lampejar de espadas
cintilar de lanças!
Vítimas sem conta!
Montes de corpos!

Cadáveres sem fim!
Tropeça-se em mortos.

⁴Por causa das múltiplas orgias da prostituta,
Hábil feiticeira, de graça primorosa,
Que escravizava as nações por suas libertinagens,
Os povos por sortilégios.

⁵Venho contra ti
Oráculo de Javé de todo o poder!
Levanto a tua saia até a face
Para exhibir tua nudez diante das nações
Diante dos reinos, tua infâmia

⁶Eu te cubro de imundícies
para te desonrar
e fazer de ti um exemplo

⁷eis que, quem quer que te veja
foge aos gritos:
“Nínive foi devastada!”.
Quem por ela fará um gesto de piedade?
Para ti, onde irei procurar consoladores? (BÍBLIA, 1994).

Estilo

O texto está dividido em três parágrafos: v.1-3; 4; 5-7. No primeiro se descreve o momento da destruição. A ênfase, nos termos, indica a força no que está sendo usado para efetuar o massacre de Nínive. O volume 1 abre com a interjeição *hoy = ai*. Este termo tem como função visualizar a situação da cidade. Observa-se que a interjeição vem seguida de termos que identifica a cidade como sanguinária. As outras três frases são sinônimas, querem enfatizar o que contém a cidade. Usa para isso os termos: “fraudes, enganos e rapinas sem fim”.

No volume 2, a poesia direciona atenção para descrever o momento da destruição. São onze frases e compõem os volumes 2 e 3. As frases são curtas, mas de grande impacto. Demonstram todo o movimento do momento da invasão e destruição, apresentando termos usados: chicotes, carros, cavalos, espadas, e lanças. Após a apresentação dos instrumentos, vem a demonstração dos resultados: a morte. As últimas quatro frases são sinonimamente repetidas para enfatizar a matança. Assim a frase: “vítimas sem conta!” vem reforçada pelas outras três: montes de corpos! Cadáveres sem fim! Tropeça-se em mortos. Este composto de frases quer dizer que houve na cidade muitas mortes.

O volume 4 inicia um outro assunto. Refere às causas que levam à destruição. A expressão: “por causa” abre o parágrafo. Este verso demonstra que a sentença já foi aplicada. Novamente, o texto atribui uma outra identidade para a cidade: é prostituta, é feiticeira. Em prostituta se diz que ela fazia múltiplas orgias, e também tinha habilidade para feiticeira. A prostituição e a feitiçaria são instrumentos que lhe dão poder para escravizar as nações. O último parágrafo contém os volumes 5, 6 e 7. Trata-se aqui do oráculo de Javé.

A linguagem

Há muitas frases, na poesia, que denotam a coragem na proclamação do julgamento contra o poder totalitário. As palavras representam inconformidade com a injustiça. Nas frases, transparecem a consciência crítica de um povo, que além de sofrido, está revoltado. Acima de tudo, a poesia alcança seu ponto alto na satisfação de perceber a queda. Ironiza a prepotência dos poderosos e usa para proclamar o extermínio das cidades opressoras, uma linguagem extremamente violenta. Esta linguagem é dita de maneira tão forte que, ao ler as frases, podemos quase que visualizar um filme.

Apesar de a linguagem conter requintes de muitas violências, é uma obra literária bem composta e de muita beleza. A mensagem é dura, para isso exige uma linguagem forte. É uma linguagem que suscita emoções quase que palpáveis. É esta linguagem que cria a beleza na poesia. Beleza e a força estão na arte do poeta. Ele desenha, com palavras, as imagens que penetram a mente. Utiliza frases curtas, com traços breves e justapõem as frases para dar sentido ao discurso. O efeito, na descrição, causa impacto. Como nessas frases:

² Estalido	de chicote!
Estrépido	das rodas!
Cavalos	a patejar!
Rangidos	de carros!
³ Ginetes	que empinam!
lampejar	de espadas
cintilar	de lanças!

Assim, a poesia comunica sua mensagem com todos os truques de palavras e arte que o idioma lhe permite. Domina os símbolos, principalmente quando se trata de guerras. Outro fato importante na poesia é a arte da repetição. O poeta sublinha pontos, e para isso, repete palavras e frases. Às vezes, repete-se a mesma palavra, outras, lança mão de sinônimos com o intuito de repetir a idéia:

Vítimas sem conta!
Montes de corpos!
Cadáveres sem fim!
Tropeça-se em mortos.

O texto centra sua atenção numa cidade e, ainda que extraia todo seu argumento do passado e do futuro, refere-se quase todo tempo ao ato presente. Os valores que inspiram Naum são: o nobre e o vil/mau. Todo este aparato linguístico tem uma só finalidade: descrever o fim de Nínive. Faz em forma de oráculo. Para ressaltar o impacto da destruição apresenta sempre os “excessos” da cidade. Quais são estes excessos? A poesia enfatiza: riqueza, poder e violência sobre os dominados.

Enfim, eis a obra de Naum: uma poesia bem elaborada que “olha” com satisfação a queda merecida da grande Nínive. O texto não é tanto um manual de Teologia, antes é uma obra literária e, como tal, usa linguagem característica da literatura. O resultado do uso adequado dos termos compara-se a uma sinfonia musical.

Uma questão difícil

O livro de Naum apresenta uma questão que é de difícil entendimento para os seus leitores. No primeiro verso, já se encontram termos para se questionar: por que Naum, um profeta judeu, focaliza sua atenção sobre a sorte de Nínive, uma cidade da distante Mesopotâmia? Dizer, simplesmente que Nínive era uma das maiores cidades da Assíria e, a principal residência dos últimos reis assírios, não explica. É preciso ler esta obra literária, que é bela e bem composta, com os olhos voltados para o seu contexto histórico, político e social. Estes dados são essenciais. São eles que fundamentam a importância para esta poesia de Naum

A queda de Nínive, em 612 a.C., por certo, foi um dos editos que alcançou os maiores marcos da região durante o tempo quando o livro de Naum estava sendo elaborado. Conhecendo o Império Assírio não é difícil entender a força e a antipatia que o poema manifesta contra a cidade e sua alegria no julgamento. Portanto, a queda de Nínive está inserida num espaço histórico bem situado (WANDERMUREM, 2002, p. 8).

Nínive, como personificação do Império, suscita sentimentos negativos dos antiassírios. Daí percebe-se porque Naum, um profeta de Judá, se propõe ser voz dos que almejam o dia da derrota. Para isso, é necessário ter um olhar sobre o império Assírio.

ASSÍRIA: ESCRAVIZAVA AS NAÇÕES POR SUAS LIBERTINAGENS

É preciso ler Naum a partir de seu contexto sócio-político. Estes compõem o pano de fundo de sua poesia. Percebe-se que a palavra Assíria é mais que um vocábulo. Este termo contém significações que são estampagens na memória da sociedade, não só da época de Naum, mas também de outras sociedades anteriores. Estas sociedades sabem do poder que emana deste termo. Por certo, têm no nome “assíria” a personificação de reis que mantinham controle de poder e destruição em cidades como: Assur, Nínive e Cala. Mas o que é a Assíria?

Este povo tem uma história antiga. Para o nosso objetivo, interessa, em especial, focalizar o período neo-assírio. É a época que alcançou grande influência na situação social, política e religiosa dos reinos de Israel e Judá, além, é claro, de toda uma região de circunvizinhança. É na segunda metade do oitavo século que a Assíria começa sua história mais extraordinária. Isso acontece por meio de Tiglat Pileser III que governou durante 745-727. Este período inicia o pesadelo mais cruel dos reinos nas regiões da Síria Palestina. (DONNER, 2004, p. 29).

Foi Tiglat Pileser III quem restabeleceu a autoridade real e aperfeiçoou a técnica militar. Uma vez no trono, aliviou seu império da pressão aramea do lado esquerdo do rio Tigre, e com isto, deixou sem muita expressão o reino Urartu [permanece os Medos] e concentrou sua atenção na Síria. Em 743 a.C., abre uma campanha contra o Oeste. Faz Damasco (2Reis 15,37), Manahém de Samaria (2Reis 15,14-23) e outros tantos reis vassalos.

Quando a guerra sírio-eframita de 735 (2REIS 16,5-6; 15,7-6) se mobilizou, reclamado por Judá (2REIS 16,7-8) a Assíria devastou em 734-732 a.C. a Galiléia e Galaad (2REIS 15, 29) e chegou até Gaza. Por fim, em 732 a.C., põe fim ao reino de Aram, destruindo a Damasco.

Após sua morte, Samanaser V, seu filho, reinou durante o período de 726-722 a.C. Intervém na Síria e na Palestina. Assediou Samaria durante alguns anos até que caiu em 722 a.C. (ou 721?). Este rei, ao que parece, foi assassinado por uma rebelião, possivelmente por partidários de Sargão II, em 721 a.C.

O rei Sargão II governou até 705 a.C., consagrou-se sufocando uma insurreição sírio-palestina e com a deportação de mais de milhares de pessoas de Samaria. Também foi responsável pela queda de Urartu em 714 a.C. Quanto à Babilônia consegue submetê-la em 710 a.C. O reino assírio, com Sargão II, se estendeu desde o Golfo Pérsico até Urartu, Capadócia, Cilícia e Chipre. Também Elam e parte da Média até o Mediterrâneo, e o sul da Palestina com derivações até a Arábia. Segundo a tradição sumério-

babilônica, Sargão II é o “rei da totalidade”. Após Sargão II, veio Sennaquerib que reinou entre 704-681 a.C. Este tem muitas ligações com a tradição bíblica, uma vez que concentra suas preocupações em dois pontos extremos de seu império: Sírio-Palestina por um lado, e a Babilônia por outro. Em 701 a.C. age contra uma coalizão fenício-filestéia de onde figura também a pessoa de Ezequias de Judá. Com a vitória, Assíria assegura o domínio do litoral palestino, submetendo várias cidades e assaltando a poderosa fortaleza de Egron. Terminada esta tarefa, sitia a Jerusalém para vingar-se de Ezequias, cuja política, neste momento, é antiassíria. (2REIS 18,7); (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 21)

O reinado de Asarhaddon compreende o período de 680-669. Sua grande meta é a conquista do Egito. Dirige suas operações (671) contra Tiro, Sidon e a costa síria. Muitos reis são obrigados a se submeterem incluindo Chipre, e, entre os da Palestina, Manasses de Judá. Desta maneira, poderia abrir o caminho para atacar o Egito e dominá-lo.

A conquista do Egito é completada por Assurbanipal (668-627). Persegue o rei egípcio Tunutamom que se refugiou em Tebas. A cidade é devastada e saqueada em 663. Este fato é parte da memória da sociedade israelita. Paralelo aos acontecimentos assírios, os comércios se movem em Anatólia, empurrados, por sua vez, por outro povo em migração. São os escitas.

A Babilônia, apesar de submetida, não é favorável a Assíria. Samas-Sumukin negou-se submeter a seu irmão, mas é vencido em 648. Elam termina sua história em 639 debaixo dos golpes de Assurbanipal. Mas a Pérsia inicia sua ascensão e os medos não podem ser reprimidos eficazmente. É deste ponto que começa a ruína da “gloriosa” Assíria. Pode-se destacar alguns fatores que complicam sua permanência no poder. Um deles está no fato dos reis que seguiram Assurbanipal não terem uma forte personalidade. Por isso, não obtiveram sucesso contra os medos que se reconstituíam constantemente. Outro fator vem da Babilônia que ressurgiu avassaladora com o caldeu, Nabopolassar.

Os medos insistem. Em 614, Ciaxares se dirige ao centro do império assírio e tomou Assur, com isso, deixa asilada, a capital Nínive. Esta não resiste a ofensiva dos medos que em conjunto com os caldeus a tomam em 612. Assim, Nínive, Cala e outras cidades importantes são arrasadas.

Portanto, é esta a história de um povo que exerceu uma grande influência na situação política social e religiosa das sociedades de tradição bíblica. E assim, temos um livro que se dispõe a dirigir-se quase que, exclusivamente, ao povo assírio, em especial, ao centro do seu poder: Nínive.

O lado bom desta história

O lado positivo da história dos assírios é que deixaram um acúmulo de textos preciosos, sobretudo, crônicas militares, dedicações, correspondências diplomáticas, templos, protocolos de presságios e outros objetos, que faziam parte da biblioteca real. Têm-se recuperado diversas compilações de textos religiosos e jurídicos, além de muitas inscrições comemorativas.

O lado ruim da história

O lado negativo está no fato que a sociedade da época bíblica, no período de domínio assírio, pode constatar que o império era sinônimo de muita violência. A pior de todas as violências era o que acontecia aos prisioneiros que sobreviviam as torturas. Estes eram transportados para outras terras. A intenção era cortar as raízes culturais, religiosas e familiares.

Era uma dominação tão cruel que muitas nações optavam por rebelar-se. Mas o tratamento que davam aos povos que tentavam sair debaixo deste julgo era repletos de crueldade. Nota-se pelas principais ilustrações nas obras de arte que deixaram espalhadas em seu mundo, que a tortura de povos rebelados foi a sua especialidade.

A fama, com os requintes de crueldades, alcançou muitos lugares. É isso que Nínive abriga. A cidade é o coração desta maldade. Só a destruição deste “coração” poderá livrar os povos de tão cruel destino. A partir desta ótica podemos entender a antipatia da poesia de Naum e sua alegria com a destruição da capital deste império: Nínive.

NÍNIVE: HÁBIL FEITICEIRA DE GRAÇA PRIMOROSA

Nínive era uma das principais cidades do potente império assírio. Muitos soberanos a tomaram como capital. Estava localizada à margem do Rio Tigre. Ostentava suntuosos palácios e templos, abrigava a biblioteca de Assurbanípal, acumulava uma grande riqueza.

Ocupa lugar de destaque nas literaturas do Antigo Testamento. Em Gênesis (10,11-12) apresenta sua fundação atribuída a Ninrod. Fala-se dela em Sofonias (2,13-15; 2,15); Jonas (cap. 3-4) prega a grandeza divina em suas ruas. Nínive também aparece em 2Reis 1(8,14). Na poesia de Naum, a profecia está totalmente voltada para “enterrar” a conhecida cidade sanguinária. Por isso, o livro além de anunciar sua ruína, ainda celebra.

Nessa capital, foram construídos palácios onde se amontoavam as muitas riquezas das nações dominadas. Muitas esculturas decoravam os muros das salas e pátios, pedras ornadas com relevos em que celebram os méritos dos soberanos na caça ou no combate. Tais obras de arte apresentam, aos nossos olhos, a ilustração de uma história das campanhas e guerras com toda ênfase e destaque de uma tremenda crueldade e violência.

Além das obras de artes que testificam uma história, também se encontram obras literárias neste local. Principalmente na época de Assurbanipal, que foi um rei letrado, e por isso, em Nínive encontrou-se uma biblioteca que continham muitos cuneiformes com epopéias, literatura e a mitologia do mundo arcaico, tais como o relato da criação, a epopéia de Gilgames, os mitos de Etana, Adapa, Zu etc.

Apesar de toda a pompa, os dias de Nínive também tiveram fim. E o fim desta época de glória viu formar uma coalizão entre os babilônicos, medos e caldeus. As operações iniciaram por volta de 616 a.C., e progressou lentamente até que alcançou em 612 a.C. a tomada de Nínive pondo fim a um período de dominação e de um regime de sangue, como afirma Naum (3,19): “[...] sobre quem não pesou sem trégua a tua crueldade?” A Nínive que tanto aterroriza o poeta é, na verdade, o símbolo do poder assírio.

Nínive: um cenário para a poesia

A Nínive do poema de Naum era a personificação do tarde Império Assírio. Talvez os acontecimentos mais latentes para o poema são da época de Assurbanipal. Este foi o último rei poderoso da Assíria. Foi precisamente este rei quem lançou a mais forte sombra na vida política e cultural da existência de Judá.

É possível que os acontecimentos sob o reinado de Sennaqueribe também sejam latentes em Naum. Afinal, foi este rei que devastou Judá, e outras cidades. Exorquiu pesado tributo de Ezequias, em sua crônica real, o retratou como “semelhante a um pássaro na gaiola.” Escolheu fazer de Nínive sua capital onde ele erigiu um magnífico palácio real como sua residência e assento para seu governo. Ele reedificou seus palácios, construiu pórticos e templos. Também, construiu aquedutos e represas. Quanto ao suprimento de águas, também construiu um canal que trazia água de uma represa no rio Gamel, no norte a 48 km de distância e controlava o influxo do rio Khasr, que atravessava a cidade mediante a construção de uma represa em Ajeila, ao leste. A necessidade de água era também para irrigar grandes

parques ao redor de Nínive. Nesses projetos de construção eram usados os prisioneiros, incluindo os israelitas.

Os pesados anos de Judá, como vassalo assírio, foi durante o longo reinado de Manasses, filho de Ezequias, que reinou durante o período de 687-642. Ele comandou em Jerusalém debaixo de três senhorios assírios: Senaqueribe, Esarhaddon e Ashurbanipal. Manasses, segundo o registro do cronista, livrou-se do exílio em Nínive, possivelmente por Assurbanipal, e isso, pode significar a formação de uma aliança entre os reinos. Assim a assíria passa a ter um rei vassalo a servi-lo em Judá. Todo o julgamento da história deuteronomísta sobre Manasses identifica-o como o pior dos reis que governou Judá, conforme 2Reis (21). Esta fama não lhe veio de graça. Não se atribui uma fama tão forte a uma pessoa quando esta não faz por merecer. Ele, possivelmente foi colaborador do Império em sua crueldade. Mas teria o rei de Judá outra forma de agir? O que acontece com os que não cooperam? Por ter sido um colaborador do império, seria ele também alvo das críticas de Naum?

A prostituta humilhada

Nestes versos, há boa reflexão sobre a mentalidade dos profetas em relação à conduta sexual feminina. Em Naum, como em boa parte dos profetas, não falta o uso da imagem feminina. Assim, eis a imagem feminina tipificando o pecado de Nínive! É evocada, mais uma vez, a imagem das “Más Meninas”, com o símbolo da prostituta.

Nínive é uma prostituta! Estes versos se utilizam da imagem feminina provocativa para personificar a cidade que considera politicamente má e perversa. A imagem da prostituta denuncia condutas profana e má da cidade. Ao fazer uso deste recurso linguístico que “supõe”, por um lado, um recurso poético, e por outro, falar de castigo divino sobre a maldade e anarquia social, Naum põe em equivalência as normas e o comportamento social através deste símbolo. Portanto, é Nínive como uma mulher sexualmente depravada e, por isso, é condenada. Veja que a prostituta é o jeito de falar do comportamento social e político de Nínive. Também, tipifica uma relação onde os princípios de poder, da propriedade, da posse e da pureza estão em perigo. Que melhor estratégia para legitimar o justo castigo de Javé?

Então, se pergunta: qual é a utilidade do uso da imagem feminina sexualizada? Tem ela a função de assegurar atenção do público para a mensagem, que por certo era masculina? Por que a imagem da prostituta causa impacto de efeito sobre o público?

Os versos usados na poesia ajudam refletir sobre o imaginário sócio-coletivo do profeta em relação ao sistema cultural das mulheres e da sexualidade feminina. Fica claro, que a “promiscuidade” nas mulheres supunha uma ameaça aos códigos sociais e pessoais que constituía a identidade patriarcal de Israel. O texto estabelece a conexão entre a conduta sexual feminina, com a maldade e o poder, a violência e o erótico, o medo e a devassidão. A prostituta é apresentada como sedutora, provocativa, violenta. Ela tem como alvo mudar a conduta dos “bons” homens [nações].

O conhecimento dos atos e atitudes de uma prostituta, que, aliás, não é de agrado do profeta, informa que Naum conhecia o poder do discurso figurativo sobre a imaginação dos homens. Por isso, faz uso desta imagem trabalhando através de versos bem formulados e uma boa retórica as regras de persuasão.

Uma reflexão nos leva a uma busca na história para entender a divisão das mulheres em esposas e em prostitutas. A descoberta é que ela é tão antiga quanto à história patriarcal. Foi na antiga Suméria, em torno de 2000 a.C., que surgiram as primeiras leis segregando as duas. O *Código de Lipit-Ishtar*, que foi escrito cerca de 1880 anos a.C., era destinado a estabelecer o direito nas regiões da Suméria e da Acádia, na era de *Lipit-Ishtar*, que foi o quinto rei da dinastia de Isin. Estabelecia que, se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostituta da rua tiver lhe dado filho, o homem deve prover a esta prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que gerou dele serão seus herdeiros, mas enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa.

Em relação ao casamento com uma prostituta, em outro texto sumeriano, um pai aconselha seu filho a não tornar uma prostituta dona de sua casa, pois, além de estar acostumada a aceitar outros homens, ela seria uma esposa desagradável e intratável. Indica já uma lacuna entre as boas “dóceis e obedientes esposas” que possuem a sexualidade controlada, com as “más” prostitutas, que não deixam controlar sua sexualidade.

Por volta dos anos 1100 a.C., os assírios lançaram as primeiras prescrições legais nos códigos para os trajes das prostitutas. Elas foram instruídas a usar jaquetas de couro especial, para atrair atenção, e foi promulgado um decreto segundo o qual elas não deviam de modo algum usar o véu, que era reservado como uma marca da submissão da mulher, filha ou

esposa, a um homem. As prostitutas que desafiavam esta lei arriscavam-se a receber 50 chibatadas e ter um produto como o piche derramado sobre a sua cabeça (ROBERTS, 1998, p. 38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vem de longe esta divisão ente “boas” e “más” mulheres. As esposas são domesticadas e têm sua sexualidade controlada. As prostitutas mantinham sua autonomia sexual e também econômica, resistindo à domesticação. Mas sua sexualidade rebelde e a não dependência de um homem era uma ameaça óbvia à autoridade patriarcal.

A denúncia da prostituição é testemunha da dificuldade, que possivelmente os próprios guias espirituais encontraram para controlar a vida sexual de seu povo. Pelos textos do Antigo Testamento nota-se que a prostituição não era algo incomum na sociedade. A prostituição floresceu em Canaã, elas podiam ser vistas pelas ruas das cidades, onde cantavam e tocavam harpas, sentadas nos cruzamentos das ruas, nas soleiras de suas casas chamando os passantes ou até andando pela cidade com seus trajes coloridos.

Enfim, se conclui que as prostitutas são alvo de duras críticas dos profetas. Eles vêem nelas a noção de que a autonomia sexual das mulheres era a raiz de todo o mal, e passaram a identificar às mulheres que viviam de seu corpo como a incorporação viva de tudo que é mau. Essa imagem faz parte do imaginário do povo israelita, e foi utilizada para descrever cidades capitais de reinos, para demonstrar suas maldades e injustiças.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. 1994. **Bíblia de Tradição Ecumênica (TEB)**. São Paulo: Loyola, 1994. Edição Ecumênica.

DONNER, H. **História de Israel e dos povos vizinhos II**. São Leopoldo: Sinodal: Vozes, 2004.

ECHEGARAY, J. G. **O crescente fértil e a Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: Girafa 2003.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1998.

WANDERMUREM, Marli. Um estudo sobre Naum. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 73, 2002.

WEEMS, R. J. **Amor maltratado**: matrimônio, sexo y violencia en los profetas hebreos. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1997.

Artigo recebido em 20/08/2008 e aceito para publicação em 10/09/2008.